

ISSO NÃO É BRINQUEDO!

Ilan Brenman



Resenha

Para Lilica, absolutamente tudo é brinquedo – ou ao menos poderia ser. Um balde pode se transformar em uma cesta mágica, um coador surrupiado da cozinha pode ser um chapéu com furos para deixar o cabelo respirar. Uma caixa de papelão pode se revelar mais interessante do que a boneca que vem ali dentro; um graveto pode se transformar em uma varinha de condão. Tudo é brinquedo porque tudo é capaz de tornar-se outra coisa. Para aqueles que são capazes de imaginar, o cotidiano se torna repleto de objetos imprevisíveis.

Em *Isso não é brinquedo!*, o olhar lúdico de Lilica, a protagonista, se confronta constantemente com o olhar pragmático de seus pais. No decorrer da obra, a expressão do título se repete como um mote, em tom de advertência: os pais preferem atribuir a cada objeto funções específicas, porém cada uma dessas atribuições é constantemente embaralhada pela menina. O momento em que a garota escolhe brincar com a caixa, ao invés de dedicar atenção à boneca que vem dentro, é particularmente revelador: ali, não apenas a menina transforma em brinquedo um objeto de uso cotidiano (a caixa de papelão), como mostra desinteresse pelo brinquedo que foi oferecido a ela. Fica claro, então, que a brincadeira, para ser prazerosa, precisa ser espontânea e imprevisível. Lilica quer descobrir seu próprio jogo, ao invés de fazer a brincadeira que se espera dela.



Coordenação:
Maria José Nóbrega



Depoimento

De Pedro Felício,
ator, músico e pai

Curiosamente, aqui em casa, o livro de Brenman e Luciano Lozano bateu certo numa memória recente, difícil e complexa: a pandemia do coronavírus.

Pois é... as ilustrações de Lozano na quarta capa e na dedicatória da edição, com a caixa de papelão transformada em carro, lembrou muito — para mim e para minha filha de 8 anos — uma caixa-carro que ficou em nossa sala de estar por semanas durante o período do isolamento social.

E como a quarta capa foi a primeira coisa que minha filha viu, o livro todo tornou-se, para ela, uma lembrança dos tempos que passamos, nós dois apenas (pois muitas vezes meu filho mais velho estava em aula *on-line*), brincando com objetos domésticos, reinventando-os, ressignificando-os. Assim como para Lilica, para nós os jogos americanos se tornaram chapéus para uma cerimônia do chá; o sofá (todo ele!) tornou-se um navio pirata, com velas feitas de papel celofane de ovos de uma Páscoa trancados em casa; e as panelas da casa ganharam alguma função — chapéus e capacetes, esconderijos, montanhas, raquetes e até base para uma fogueira na área de serviço...

A aproximação com esse tipo de livro, bastante comum na produção do Ilan (que é um graaaande conhecido aqui em casa!), no qual a ilustração tem uma centralidade que praticamente prescinde do texto, se dá pelas cores, linhas e texturas e, nesse sentido, o trabalho de Lozano é incrível, com pequenas explosões de cor e elementos do cenário que

localizam e, ao mesmo tempo, mantêm a história na observação das sensações e dos sentimentos da protagonista.

Minha filha, Leleca, se identificou bastante com a menina Lilica, e isso fez com que ela passasse muito tempo indo e voltando pelas páginas do livro, revendo as brincadeiras da personagem e pensando nas suas próprias criações. Meu filho mais velho acompanhou a leitura em silêncio, a meia distância. Fez dois apontamentos, mas que vou escrever aqui, porque achei um deles muito sensível, o outro, um tanto arrogante.

Lá na altura da página 15, Lilica se interessa mais pela caixa do presente do que pelo presente em si. Miguel, meu filho, lembrou-se: “Como aquele presente que você me deu de Natal, pai. Que eu disse que era o que eu mais queria”. Ele estava se referindo a um rolo de fita crepe. Quando Miguel tinha 3 anos de idade, dei a ele, de presente de Natal, um rolo de fita crepe. Ele abriu o embrulho natalino e gritou, com aquela vozinha de criança de 3 anos: “Era o que eu mais queria!”, e passamos algumas semanas esbarrando em fitas que uniam móveis da casa, paredes, brinquedos e roupas.

O outro comentário foi uma questão de léxico. Meu filho, sentado no encosto do sofá enquanto eu e sua irmã líamos *Isso não é brinquedo!*, taciturno, emite uma opinião: “Não é coador. É escorredor. Coador é de tirar nata do leite”. Fica a dica, Ilan.

Um pouco sobre o autor

Ilan Brenman tem um amor profundo pelas mais diversas narrativas. Esse afeto está ligado diretamente à origem do autor, pois ele é israelense, naturalizado brasileiro, filho de argentinos, neto de poloneses e russos. Psicólogo de formação, Ilan é mestre e doutor pela Faculdade de Educação da USP e já ministrou centenas de cursos e palestras pelo país afora, sempre discutindo a importância das histórias lidas e contadas oralmente na vida

de bebês, crianças, jovens e adultos. Possui mais de 50 livros publicados no Brasil (além de vários no exterior), entre eles *Até as princesas soltam pum* (Moderna, 2023), seu *best-seller*. Muitas das suas obras ganharam o selo de Altamente Recomendável da FNLIJ, além de participarem do catálogo da Feira de Bolonha, na Itália. Em 2019, tornou-se autor exclusivo da Editora Moderna. Para saber mais sobre o autor, acesse: www.ilan.com.br.

Leia Mais...

Da mesmo autor e série

- ✕ *Irmãs*. São Paulo: Moderna.
- ✕ *Mãe alto-falante*. São Paulo: Moderna.
- ✕ *O bico*. São Paulo: Moderna.
- ✕ *Pai cabide*. São Paulo: Moderna.
- ✕ *Papai é meu!* São Paulo: Moderna.
- ✕ *Segredos*. São Paulo: Moderna.

Do mesmo gênero ou assunto

- ✕ *Dia de chuva*, de Ana Maria Machado. São Paulo: Salamandra.
- ✕ *Brincadeira de sombra*, de Ana Maria Machado. São Paulo: Global.
- ✕ *Menino, cadê você?*, de Stela Barbieri e Fernando Vilela. São Paulo: Moderna.
- ✕ *Aqui, bem perto*, de Alexandre Rampazo. São Paulo: Moderna.
- ✕ *Dudu e a caixa*, de Stela Loducca e Rogério Neves. São Paulo: Companhia das Letrinhas.
- ✕ *Achou?*, de Aline Abreu. São Paulo: Companhia das Letrinhas.

